

Retratos falados - experiências de produção de recursos educacionais para a população usuária de serviços públicos de saúde

Portraits spoken - experiences of producing educational resources for the population that uses public health services

Ana Luisa Zaniboni Gomes¹

Resumo

A intenção deste artigo é apresentar o histórico de duas produções comunicacionais concebidas como recursos educativos e mobilizadores voltados à população usuária dos serviços públicos de saúde no estado de São Paulo. As peças aqui retratadas foram desenvolvidas por profissionais da Comunicação a partir de pesquisas acadêmicas e artigos de profissionais da área da Saúde - notadamente gestores, médicos e enfermeiros. Uma vez adaptadas à linguagem cotidiana, assumiram a forma de oficinas de formação e/ou cartilhas educativas. Com este texto, reforçamos o quanto é importante o registro de experiências que se mostram úteis em contextos desafiadores, especialmente porque são faróis que iluminam possibilidades, tratam de soluções passíveis de adaptação ou mesmo reprodução, respondem às demandas de socialização e popularização do conhecimento e, por fim, ressaltam a importância dos enlaces institucionais de natureza multi, inter e transdisciplinar que em muito colaboram para o aperfeiçoamento da práxis na área da Saúde.

Palavras-chave: Comunicação e Saúde; Educação em Saúde; Recurso educativo.

Abstract

The intention of this article is to present the history of two communicational productions conceived as educational resources and mobilizers aimed at the population that uses public health services in the state of São Paulo. The pieces presented here were developed by communication professionals from academic research and articles from health professionals - notably managers, doctors and nurses. Once adapted to everyday language, they took the form of training workshops and/or educational booklets. With this text, we reinforce how important it is to register experiences that prove useful in challenging contexts, especially because they are lighthouses that illuminate possibilities, deal with solutions passive of being adapted or even reproduced, respond to the demands of socialization and popularization of knowledge and, finally, they emphasize the importance of institutional links of a multi, inter and transdisciplinary nature that in many ways contribute to the improvement of praxis in the area of Health.

Keywords: Communication and health; Health education; Educational resource.

¹ Ana Luisa Zaniboni Gomes (analuisagomes@obore.com) é formada em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Doutora em Ciências da Comunicação e Pós-Doutoranda pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP). Jornalista Profissional e Diretora da Oboré Projetos Especiais.



“A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria”.

(Paulo Freire, 1996, p.16)

Introdução

Meu propósito neste artigo é tratar de duas experiências de formação cuja importância social reside no fato de que foram concebidas para relacionar demandas da área da Saúde a elementos educativos que, com a colaboração ativa da Comunicação, tornaram-se recursos disponíveis tanto aos serviços de saúde quanto aos usuários do Sistema Único de Saúde (SUS).

Conceitualmente, as reflexões ancoram-se na *“sociologia das ausências e das emergências”*, de Boaventura de Souza Santos¹⁰, para quem as inúmeras experiências no campo social que privilegiavam o acesso mais equânime ao conhecimento

precisam ser conhecidas, reconhecidas e expandidas de modo a estimularem o surgimento de novas iniciativas e aumentarem as expectativas de resultados a curto prazo. Baseiam-se, igualmente, no reconhecimento da importância da geração e socialização do conhecimento capaz de atuar na transformação da realidade, esteja ele assentado em ambientes formais, informais ou não formais e que tenha compromisso com o seu tempo social¹⁰.

Outro conceito inspirador é o de *“cultura científica”* proposto por Vogt^{11,12} para também designar toda e qualquer atividade de socialização do conhecimento. Para o autor, trata-se de um processo essencialmente cultural, pois envolve desde a criação, a produção, a difusão entre pares, a divulgação na sociedade, o ensino-aprendizagem ou, ainda, o estabelecimento das relações necessárias entre o cidadão e os seus valores na compreensão pública da ciência¹¹.

Há também alguns pressupostos que esclarecem nosso lugar de fala e de atuação

prático-reflexiva nas experiências aqui apresentadas. Um deles é o fato de que a Comunicação conquistou lugar determinante no mundo contemporâneo. Outro é a compreensão de que os diferentes vínculos que os processos e produtos comunicativos estabelecem com a Educação e a Saúde referem-se a formas de apreensão do mundo e, como tal, evidenciam a necessidade de ampliar o diálogo com discursos gerados fora de seus respectivos espaços tradicionais. Outro entendimento ainda é que, mesmo orientados ao longo do tempo por inflexões distintas, pois originados de diferentes realidades sociais e culturais, tais entrosamentos multidisciplinares são destinados a um compromisso emancipador¹.

Com esse esclarecimento inicial, passo ao relato de cada uma das experiências acima referidas. Começo por rememorar um projeto de formação desenvolvido em 2005 no município de Guarulhos (SP), cujo objetivo era auxiliar na construção de diálogos entre comunicadores populares e os serviços de saúde a fim de estimular a participação da comunidade em propostas de valorização das questões de saúde-doença. Em seguida, passo a descrever e comentar o processo de construção de uma cartilha educativa, em 2008, que procura responder algumas das dúvidas sobre a gravidez, o parto e o pós-parto.

Comunicação, Saúde e comunidade: a contribuição das rádios comunitárias

Em 2004, um edital do Ministério da Saúde, por meio da Secretaria de Gestão Participativa, convocou universidades brasileiras interessadas em desenvolver alternativas de comunicação em saúde direcionadas a rádios comunitárias, à época em expansão por todo o Brasil e mobilizadas pela definição de marcos legais para a regulamentação do setor⁴. A Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), através

de seu Departamento de Medicina Preventiva, respondeu ao chamado e apresentou a ideia de criar cursos que ampliassem a informação sobre saúde disponível a esse segmento de comunicadores. Construído de forma colaborativa e dialógica, o projeto reuniu uma grande equipe de profissionais, das mais variadas formações, e foi apresentado conjuntamente por técnicos da UNIFESP, Secretaria da Saúde do Estado de São Paulo, da Secretaria de Saúde do Município de Guarulhos e da Oboré Projetos Especiais.

A metodologia de trabalho foi especialmente concebida de forma a permitir às rádios comunitárias serem um ponto de troca de conhecimentos e ações entre a comunidade e os serviços de saúde. Para isso, era preciso fornecer aos comunicadores informações técnicas sobre saúde-doença, apresentar as diretrizes, os princípios e objetivos do SUS e organizar com eles uma rede técnica de retaguarda para ajudar seus trabalhos de cobertura do assunto saúde em suas atividades cotidianas de comunicadores. A proposta, sobretudo, foi construir uma interação entre os campos da Comunicação e da Saúde para que os técnicos da área obtivessem alternativas de comunicação com a comunidade e que os comunicadores populares passassem a ter fontes de informação técnica seguras para suas atividades junto aos seus ouvintes.

Do ponto de vista dos coordenadores, o aporte do saber técnico sobre saúde, doença e a lógica de atuação dos serviços poderia contribuir para que mais pessoas ficassem informadas sobre seus direitos desde que o diálogo construído respeitasse os saberes e interesses das pessoas. Nesse sentido, os comunicadores populares foram compreendidos como mediadores de informações nas comunidades aonde atuavam.

Um mapeamento territorial integrou a fase inicial do projeto, com o propósito de fornecer informações reais sobre quais eram as rádios

comunitárias existentes em Guarulhos, onde estavam localizadas e quais comunicadores atuavam nessas pequenas emissoras. Somente a partir dessas informações preliminares tornou-se possível a montagem de uma lista de radialistas a serem convidados para as oficinas previstas no projeto. O mesmo foi feito em relação aos servidores da saúde: a partir da localização geográfica das emissoras foi possível selecionar quais serviços deveriam ser chamados a participar das dinâmicas, já que o pressuposto era trabalhar a Comunicação e a Saúde de forma territorializada.

Para isso, foram organizadas 13 oficinas de trabalho entre setembro e novembro de 2005, no Centro de Formação de Educação Parque Júlio Fracalanza, com a presença de 67 participantes entre comunicadores de rádios comunitárias e representantes dos diversos serviços de saúde do município. O objetivo foi refletir, discutir e elaborar ações conjuntas sobre temas de saúde.

A metodologia desenvolvida articulou, além de textos acadêmicos, outros tipos de linguagem, como pintura, música, radionovela, poesia, ilustrações e charges na abordagem de assuntos como: SUS, Saúde e Comunicação, saúde-doença, atenção à saúde, modelos de atenção, doenças sexualmente transmissíveis (DST) e aids, tuberculose, hipertensão, diabetes, vacinação, gravidez na adolescência, álcool e drogas, e acolhimento. Durante as oficinas procurou-se construir espaços para as necessidades de eventuais correções que viabilizassem o alcance dos objetivos: discutiu-se o tipo de organização e os conteúdos propostos, inclusive a presença de outras linguagens além da novela, como poemas, música e filmes.

A opinião dos participantes foi expressa nos grupos de discussão e nas plenárias. O processo de avaliação final constou de um questionário com questões abertas, ordenadas em três núcleos de interesse, e organizado de forma

a permitir a avaliação das oficinas quanto aos recursos materiais e humanos, a avaliação do aprendizado, além da auto-avaliação dos participantes nos grupos. A análise das respostas indicou tratar-se de uma metodologia compatível com os objetivos de alcançar envolvimento e desenvolver parcerias entre comunicadores, serviços de saúde e comunidade^{3,6}.

Celebrando a vida: construção de uma cartilha para a promoção da saúde da gestante

No dia três de dezembro de 2009, o trabalho “*Celebrando a vida: Construção de uma Cartilha para a Promoção da Saúde da Gestante*”^{II} recebeu, na categoria “mestrado”, o prêmio principal *Incentivo em Ciência e Tecnologia para o SUS* do Ministério da Saúde, em reconhecimento de sua metodologia inovadora que além da própria dissertação, incluiu uma cartilha educativa^{III} elaborada a partir do relato das vivências e dúvidas mais comuns referidas pelas gestantes acompanhadas na pesquisa realizada no Hospital Universitário da Universidade de São Paulo (HU-USP).

A cartilha foi elaborada entre os meses de fevereiro e outubro de 2008 a partir das transcrições feitas nessa dissertação sobre as vivências e dúvidas mais comuns das gestantes acompanhadas. Além de contextualizar o universo envolvido na busca da promoção da saúde da gestante sob a ótica do SUS e balizado por uma vasta bibliografia científica sobre o tema, o material apresentava

^{II} Desenvolvido por Luciana Magnoni Reberte e orientado por Luiza Akiko Komura Hoga, à época coordenadora do Grupo de Pesquisa Núcleo de Assistência ao AutoCuidado da Mulher (NAAM) do Departamento de Enfermagem Materno Infantil e Psiquiátrico da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (EE-USP), financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

^{III} Tive o privilégio de atuar como especialista da área da Comunicação junto à equipe de validação da cartilha e como coordenadora editorial do material, entre os meses de fevereiro e outubro de 2008. Meu papel foi sugerir os critérios conceituais e técnicos que mais se adaptariam à natureza educativa da peça, ao público prioritário – as gestantes moradoras da cidade de São Paulo assistidas pelo SUS - e ao objetivo de colaborar na promoção da saúde da gestante por meio do acesso a informações educativas e qualificadas sobre gravidez, parto e pós-parto.

o cenário real da experiência da maternidade descrito pelas próprias gestantes e seus parceiros a partir das dúvidas, expectativas, questionamentos e demandas iluminadas de forma coletiva, nos trabalhos em grupo. Evidentemente, era preciso selecionar e organizar as informações de maneira a facilitar a leitura e compreensão de tudo por todos, inclusive esclarecendo o compromisso do Estado brasileiro em garantir o acolhimento e o atendimento humanizado, o respeito aos direitos das gestantes e de todos os demais usuários dos serviços públicos de saúde.

Em um primeiro momento, foram focadas as questões de conteúdo. Meu desafio de comunicadora era selecionar e organizar editorialmente os muitos temas e assuntos disponíveis do relatório para transformá-los em um roteiro de uma publicação educativa. Independentemente do formato que viesse a assumir o material, era necessário inicialmente definir a intenção e a lógica que permeariam o texto: quem estava falando, para quem estávamos falando, sobre o quê estávamos falando e porquê estávamos tratando daqueles temas. Mais ainda: quais assuntos iríamos priorizar, em que profundidade e em qual sequência.

Isso posto, preparamos um roteiro preliminar de conteúdos: uma apresentação referindo-se ao próprio material – que tipo de instituição concebeu, organizou e produziu os temas, para quem foi feito e com que objetivo, como nasceu a ideia da cartilha, qual o processo percorrido para se chegar a ela e quais as expectativas e resultados deste processo. Em seguida, foi desenvolvido um capítulo inteiro sobre o compromisso com a promoção da saúde da gestante materializado em um texto geral para contextualizar o tema a partir do compromisso público do SUS e do HU com as mulheres gestantes.

O nosso mote foi que mais um cidadãozinho ou cidadãzinha estava para nascer e frente

a este fato, iríamos, juntos, cuidar para que esse evento ocorresse com todo o cuidado e carinho. Entendíamos também que seria muito importante destacar o “processo de nascer” – assunto central da publicação – através de relatos diretos ou tipo pergunta-resposta, que poderia ser sub-dividido em fases para facilitar a leitura ou a busca do tema nas páginas da publicação. Além disso, deveríamos acrescentar em cada temática outros conteúdos sugeridos nas sessões dos grupos de gestantes, como por exemplo: modificações fisiológicas da gestação, desenvolvimento fetal e gestacional, trabalho de parto e parto, parto normal e o uso do fórceps, puerpério, amamentação, desconfortos e abordagem corporal. Por fim, seria também interessante acrescentar sugestões de leituras complementares.

Só então passamos a refletir sobre o formato do material e as lógicas editoriais a serem adotadas, como a facilitação da leitura e a simplificação visual. Queríamos garantir o respeito máximo e profundo para com a futura leitora. Nesse sentido, o grande desafio dessa construção foi não cair no terreno movediço da infantilização da nossa interlocutora nem adotar um caráter simplório para o projeto. Das várias e sucessivas tentativas para estabelecer o que viria a ser o nosso padrão, ressaltou-se o uso do texto em linguagem coloquial e popular, compreensível para a maioria da população, independente de classe social ou grau de formação, em diagramação arejada e visual suave e limpo, por meio de algumas regras básicas como (1) usar letras maiores do que as usuais, de boa definição e sem contrastes de cores ao fundo; (2) utilizar ilustrações claras que remetessem efetivamente ao texto; (3) usar frases e parágrafos curtos e sintéticos que concentrassem uma informação de cada vez; (4) adotar espaçamento e entrelinhamento generosos que permitissem leitura em várias situações, especialmente em ônibus, trens ou metrô; (5) adotar

um tipo de texto capaz de convencer o leitor da necessidade e da importância da leitura; (6) o material, além de seu cunho educativo, deveria expressar toda a responsabilidade do gestor e do equipamento público de saúde no atendimento adequado e humanizado aos usuários, dentro dos protocolos e padrões estabelecidos no SUS; (7) também deveria garantir que as observações dos peritos programados para analisar as várias fases e versões do projeto fossem todas contempladas na versão final do material.

Essas regras foram, passo a passo, desenhando o formato final da cartilha, que ganhou identidade ao ser validada não apenas pelos peritos, mas também pelas gestantes – as efetivas e futuras leitoras do nosso material.

Reflexões e aprendizados

- reflexões sobre um projeto de integração de rádios comunitárias para a promoção da saúde:

Constatado o potencial do projeto para contribuir com o processo de educação e participação popular, entendemos que, nessa experiência, os campos da Saúde, Comunicação e Educação se entrecruzaram em função do objetivo da proposta e do perfil multiprofissional de sua equipe coordenadora. Partindo de campos distintos na formulação disciplinar, tudo foi desenhado e desenvolvido considerando o caráter ampliado do conceito de saúde e o potencial articulador desenhado pelo SUS.

A diversidade de materiais para estimular a participação, a valorização dos relatos de experiências e a oportunidade de todos expressarem seus pontos de vista criaram, nas oficinas, um clima favorável às trocas, ao aprendizado e ao entrosamento. O diálogo, nem sempre fácil entre pessoas de níveis diferentes de escolaridade, foi possível pela oportunidade de se utilizar a fala de “terceiros”, ou seja, os personagens da

radionovela criada especialmente para esse projeto de formação.

Dentre os fatores que podem ser considerados em futuras experiências, estão a coincidência de horário com outros vínculos de trabalho dos radialistas, a falta de ajuda de custo para o deslocamento e receio de exposição – tendo em vista a perseguição, à época, de fiscais da Agência Nacional de Telecomunicações (ANATEL) às emissoras em processo de legalização na Grande São Paulo, especialmente Guarulhos, por abrigar um aeroporto internacional. Dos objetivos aparentemente não atingidos e de grande importância na conquista de resultados, pode-se citar a inexistência de mecanismos para a manutenção da relação servidores-radialistas. Situações como essas precisam de retaguarda e proteção institucional (no caso dos serviços de saúde) e confiança nas ações governamentais (no caso das rádios comunitárias). Por isso, uma lição importante dessa experiência vivida foi compreender que o desenvolvimento e a efetividade de projetos como este aqui relatado exigem o compromisso dos gestores⁶ (p.443).

- reflexões sobre a produção da cartilha Celebrando a vida, visando a promoção da saúde da gestante:

Em artigo científico elaborado com o propósito de avaliar, sob a ótica da área da Saúde, o caminho percorrido na elaboração e produção da peça educativa, Reberte, Hoga e Gomes⁹ (tela 6) destacam que “a experiência realizada mediante processo participativo, dialógico e coletivo – como preconizado nos fundamentos teóricos atuais em termos de promoção à saúde – demonstrou que o desenvolvimento desse processo é viável e pode ser aplicado na elaboração de materiais educativos destinados à educação e promoção da saúde”.

“A participação dos peritos na validação da cartilha possibilitou uma adequação do conteúdo ao contexto de trabalho destes profissionais, permitindo abranger fatores importantes que não haviam sido considerados em sua elaboração inicial. Procedeu-se a uma crítica construtiva a fim de atender as expectativas dos colaboradores, que são pessoas que podem possuir conhecimentos e interesses distintos de quem elabora o material educativo. [...]. O envolvimento de profissionais de comunicação, mediante a concepção e realização do trabalho editorial e gráfico, desde o início do processo, também foi essencial. Esta medida tem sido preconizada nos processos de produção de materiais educativos no âmbito do SUS, já que existe uma crítica sobre a limitada inserção desses profissionais em apenas uma parte das etapas de produção, constituídas pelo planejamento, execução e avaliação dos materiais. Nesse trabalho, foi possível aliar os conhecimentos técnicos próprios de cada categoria profissional no desenvolvimento de todas as fases de construção da cartilha pois eram profissionais comprometidos com seu propósito e com experiência consolidada no desenvolvimento de cartilhas educativas voltadas à educação e promoção da saúde”⁹ (tela 6).

Os autores ainda apontam que, com a elaboração da cartilha, pretendeu-se, sobretudo, superar a hegemonia que se têm estabelecido na educação em saúde.

“Essa experiência significou reconhecer as limitações do próprio saber admitir e validar um outro saber, não especializado, na identificação mais ampla das necessidades de saúde e na compreensão dos contextos de vida e dos recursos mobilizados pela população. Essa prerrogativa pressupõe a superação dos

preconceitos incluídos na representação da clientela, o que implica em respeitar e tentar entender a fala do outro, a fim de influenciar na produção de uma nova cultura do setor saúde. [...] Reitera-se a importância do cuidado em garantir uma comunicação eficaz na elaboração desta cartilha, tendo em vista a ampla recomendação da importância do investimento na comunicação entre os profissionais e a mulher, como meio de promover os direitos humanos das mulheres na gravidez e no parto. Neste aspecto, as atividades educativas realizadas durante o pré-natal devem estar estruturadas com a finalidade de reduzir os desvios de comunicação, já que os profissionais tendem a ter posturas preconceituosas em relação ao fornecimento de informações às mulheres”⁹ (tela 6).

Ainda segundo os autores, a principal proposta que envolveu a criação da cartilha, cuja versão *online* está disponível ao público no site da EEUSP, foi a de ampliar o potencial da gestante e da sua família e promover a condição de saúde da mulher. Trata-se de um recurso importante, “um suporte aos profissionais e às gestantes para que superem dúvidas e dificuldades que permeiam o processo de gestação e parto”⁹ (tela 7). Há, porém, a ressalva de que, apesar do importante passo para o acesso dos leitores, não é suficiente para representar recurso amplamente utilizado pelos usuários do SUS. Era preciso disponibilizá-la na versão impressa para as instituições públicas de saúde.

Considerações finais

As experiências destacadas apresentam propósitos e métodos transformadores, de caráter público, o que foi percebido em seus resultados tanto pelos coordenadores quanto por seus

principais beneficiários. Frente a isso, espera-se que a Comunicação continue, cada vez mais, parceira e colaboradora dos campos da Educação para a Saúde com vistas a enfrentar as inúmeras e distintas questões do nosso tempo.

Referências

1. Citelli A, Costa MCC. Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento. São Paulo: Paulinas; 2011.
2. Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo. Celebrando a vida – nosso compromisso com a promoção da saúde da gestante [cartilha]. São Paulo: Oboré, 2009. [acesso em: 15 ago 2017]. Disponível em: <http://www.portaldafenfermagem.com.br/downloads/cartilha-celebrando-a-vida-eeusp.pdf>.
3. Gomes ALZ, Matos MR, Meneguetti LC. Comunicação, saúde e comunidade: a contribuição das rádios comunitárias. Anuário UNESCO/Metodista de Comunicação Regional. 2007; 11:121-133. [acesso em: 14 ago 2017]. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/AUM/article/view/928/987>.
4. Gomes ALZ, Peruzzo, C.; Otre, M. A. C. Dificuldades de tendências na trilha das rádios comunitárias In: Comunicação Popular, Comunitária e Alternativa no Brasil. 1. ed. São Bernardo do Campo: UMEESP; 2015. p.349-364.
5. Levy P. A conexão planetária: o mercado, o ciberespaço, a consciência. São Paulo: Editora 34; 2000.
6. Matos MR, Meneguetti LC, Gomes ALZ. Uma experiência em comunicação e saúde. Interface. 2009; 13(31):437-447. [acesso em: 16 ago 2017]. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832009000400016&lng=en.
7. Oboré. Comunicação, saúde e comunidade: a contribuição das rádios comunitárias [cartilha]. Brasília: Ministério da Saúde, Secretaria Municipal da Saúde de Guarulhos; 2005. v.1. [acesso em: 14 ago 2017]. Disponível em: <http://www.obore.com.br/cms-arquivo/CartilhaGRU-A6.pdf>.
8. Oboré. Comunicação, Saúde e comunidade: a contribuição das rádios comunitárias [cartilha]. Brasília: Ministério da Saúde, Secretaria Municipal da Saúde de Guarulhos; 2005. v.2. [acesso em: 14 ago 2017]. Disponível em: <http://www.obore.com.br/cms-arquivo/CartilhaGRU02b.pdf>.
9. Reberte LM, Hoga LAK, Gomes ALZ. Process of construction of an educational booklet for health promotion of pregnant women. Rev. Latino-Am. Enfermagem. 2012; 20(1):101-108. [acesso em: 16 ago 2017]. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692012000100014&lng=en.
10. Santos BS. Conhecimento prudente para uma vida decente. São Paulo: Cortez Editora; 2004.
11. Vogt C. A espiral da cultura científica. Boletim de Idéias. 2005; 3:5-6.
12. Vogt C. Ciência, comunicação e cultura científica. In: Vogt C. (Org). Cultura científica: desafios. São Paulo: EDUSP, FAPESP; 2006. p.19-26.